

## **SOCIEDADE CONFLAGRADA E EXPERIÊNCIA COLETIVA: *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*, DE RUBENS FIGUEIREDO**

[CONFLAGRATED SOCIETY AND COLLECTIVE EXPERIENCE:  
RUBENS FIGUEIREDO'S *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*]

**EDU TERUKI OTSUKA<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-5283-6251>

Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, apresenta a imagem de uma sociedade degradada e conflagrada. Elaboram-se no plano da ficção as condições sociais do presente marcado pela precarização do trabalho, pelo sofrimento e isolamento. Embora a narração acompanhe a perspectiva do protagonista, a configuração formal do romance ultrapassa o encasulamento que ele almeja, pois, em sua consciência individual, entrelaçam-se histórias de diversas personagens, abrangendo a experiência coletiva da sobrevivência em condições adversas.

**Palavras-chave:** Rubens Figueiredo; trabalho; experiência coletiva; sociedade brasileira contemporânea

**Abstract:** *Passageiro do fim do dia* (2010), by Rubens Figueiredo, presents the image of a degraded and conflagrated society, which portrays the present social conditions characterized by precarious work, suffering and isolation. Although the narration follows the perspective of the central character, the formal configuration of the novel surpasses the aloofness he seeks, because in his individual conscience, stories of several other characters are intertwined, encompassing the collective experience of livelihood in adverse conditions.

**Keywords:** Rubens Figueiredo; labor; collective experience; Brazilian contemporary society

## 1.

Talvez poucas obras literárias recentes tenham captado tão sugestivamente os contornos da sociedade atual como *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo (2010). Ao fundo da história de Pedro, o protagonista, a narrativa apresenta uma série de notações quase documentais da vida de uma população relegada pela dinâmica do capitalismo contemporâneo. Mas a força do romance parece estar menos na fidelidade sociológica dos detalhes do que na configuração formal que, em direção oposta à atomização da consciência da personagem, sugere a articulação de uma experiência histórica coletiva na mente individual de Pedro, principal ponto de sustentação da voz narrativa<sup>1</sup>.

*Passageiro do fim do dia* não deixa de ser a história de um encontro possível entre camadas sociais diferentes, encontro anunciado na viagem de ônibus do protagonista rumo à periferia da cidade e cifrado no palco de sua consciência. Pedro toma um ônibus para dirigir-se ao Tirol, bairro periférico em que mora Rosane, sua namorada, e, nesse deslocamento, aproxima-se dos trabalhadores que retornam para casa e dos moradores de bairros pobres e distantes, ao mesmo tempo em que se distingue deles, observando-os como um grupo de pessoas ao qual sabe não pertencer. No plano da ação efetiva, o contato e as relações de Pedro com os moradores do bairro são distanciados, desconfiados, cautelosos, sem que nesse encontro de fato se articule um sentido comum, salvo a falta de perspectivas.

No entanto, o encontro de vivências diversas se duplica na mente de Pedro, em que se cruzam suas lembranças pessoais e as vozes e histórias de outros. Durante o trajeto da viagem, confluem, na consciência da personagem, fragmentos de lembranças de moradores, conhecidos e anônimos, recolhidos por intermédio das relações de Rosane, que vão compondo uma história mais ampla. Ainda que Pedro não busque a interação com os outros, a relação com Rosane permite que sua percepção do mundo se amplie,

---

<sup>1</sup> Aproveito, neste artigo, alguns elementos da discussão do romance de R. Figueiredo realizada no grupo de pesquisa “Formas Culturais e Sociais Contemporâneas”, em 2022. Aos membros do grupo, meus agradecimentos.

abarcando traços de uma experiência histórica que, se não chega a explicar ou dar sentido ao presente indevassável, parece sugerir possibilidades de vida em comum.

No âmbito da técnica, o romance se organiza como um entrelaçamento de fios narrativos fragmentários, abrangendo os acontecimentos presentes, que se concentram na viagem de ônibus, observada pelo ângulo do protagonista; o passado pessoal de Pedro, em que tem centralidade o acidente sofrido numa intervenção policial; e a vida da população periférica, apreendida a partir das vivências de Rosane, de seus familiares e de outros moradores do bairro<sup>2</sup>.

A narração dos fatos do presente imediato se limita a ocorrências comuns no cotidiano da população pobre. Inicialmente, Pedro observa pessoas no ponto de ônibus e, em seguida, já acomodado num banco no interior do veículo, alterna sua atenção entre o livro que lê e as falas e ações de outros passageiros. Depois, transfere-se para outro ônibus, numa baldeação informal, passando a viajar em pé, rumo a um local próximo do bairro em que mora a namorada. A narrativa termina ao anoitecer, pouco antes de Pedro chegar a seu destino.

O tempo da ação presente vivenciada por Pedro é, acima de tudo, um tempo de espera, que ele tenta ocupar ouvindo o rádio com fones de ouvido e lendo um livro de divulgação sobre Charles Darwin. Nos interstícios dessas atividades, que pretendem preencher o vazio, o tempo de espera dentro do transporte coletivo é também um tempo de disponibilidade para a eclosão de lembranças e uma espécie de devaneio.

A voz narrativa se aproxima da perspectiva da personagem central, mas não se limita a seu ângulo de visão. O narrador frequentemente explica motivações que o próprio protagonista desconhece, assim como formula razões apenas intuídas por Pedro, que talvez não soubesse expressar com exatidão aquilo que apenas percebe de maneira indistinta. Quanto aos acontecimentos e histórias envolvendo outras pessoas, o narrador acompanha os relatos ouvidos pela personagem, por vezes acrescentando informações externas. Evita, porém, fornecer explicações para alguns eventos que causam estranheza (como as fogueiras, incêndios e manifestações de revolta), aproximando-se das personagens quanto à incompreensão dos fatos.

---

<sup>2</sup> O romance já foi objeto de vários estudos críticos, entre os quais mencionam-se os artigos de Danieli Christovão Balbi (2018) e de Thayllany Ferreira Andrade e Gustavo Abílio Galeno Arnt (2016).

## 2.

O romance se abre com a formulação de um intuito ou princípio de conduta, segundo o qual Pedro pretende não se envolver com o mundo circundante e ignorar o que se passa ao redor, como um desejo de passar despercebido ou, antes, de ficar indiferente ao entorno sem parecer um idiota ou um louco aos olhos dos outros: “Não ver, não entender e até não sentir” (Figueiredo, 2010, p. 7). Esse desejo quase programático de alheamento, além de sugerir o intento de não se condoer com o sofrimento das pessoas, talvez indique também uma tentativa da personagem de proteger-se da violência social reinante ou de não participar dela.

Pedro é um homem de quase trinta anos, originário de uma família de classe média empobrecida; mora com a mãe num apartamento que ela havia herdado do marido, um funcionário da justiça, e sobrevive com a venda de livros usados. Chegou a frequentar o curso de Direito numa faculdade pública durante seis anos, mas o abandonou por desinteresse. Na faculdade havia conhecido Júlio, o colega que buscava incentivá-lo nos estudos e que, depois de formado, passou a trabalhar num escritório de advocacia, continuando a dar apoio ao amigo.

O evento marcante na vida de Pedro é o acidente ocasionado por um confronto da polícia com vendedores ambulantes. À época, buscando meios para se sustentar, Pedro havia decidido vender livros na calçada, levado pela tendência geral dos tempos em que muitos buscavam o caminho do comércio informal. A narrativa não deixa de assinalar com ironia um lugar-comum ideológico, que se intensificou desde a publicação do romance, ao mencionar a análise de um sociólogo, que Pedro havia visto na televisão, comentando com aprovação “o espírito empreendedor” (Figueiredo, 2010, p. 42) dos vendedores de calçada e tratando a crise como oportunidade para os negócios.

No tumulto provocado pela intervenção policial, Pedro é lançado ao chão antes mesmo de compreender o que se passava; na confusão, um cavalo da polícia pisa em sua perna, fraturando seu tornozelo. Desnortado na barafunda, Pedro apenas percebe fragmentos do confronto: um homem arremessa de volta uma bomba de gás lançada pela polícia e, ao redor, voam pedras arrancadas do calçamento. Ao contrário de outros vendedores, que tentaram proteger suas mercadorias e a si mesmos, Pedro não chega a pressentir o perigo quando a polícia havia começado a atacar na outra ponta da rua. No quadro traçado pela voz narrativa, enquanto alguns vendedores procuravam esconder-se,

outros “atiravam pedras contra os guardas e também lançavam frascos de vidro cheios de pregos enferrujados e até pequenas bombas feitas de garrafinhas cheias de gasolina, que já estavam preparadas e escondidas à espera do confronto” (Figueiredo, 2010, p. 29). A reação das pessoas contra a intervenção policial sugere a recorrência dos confrontos com a polícia e a compreensão apenas parcial dos eventos por parte de Pedro, que não apreende inteiramente o significado do embate.

No hospital, Pedro tem a tíbia remendada com pinos e parafusos e a articulação do tornozelo “mal e porcamente reconstituída” (Figueiredo, 2010, p. 15). Enquanto ele se recupera, Júlio, o amigo advogado, toma as providências para um pedido de indenização, apesar da descrença de Pedro em tal ação judicial. Após quase dois anos, ele recebe como ressarcimento uma quantia que, embora menor do que a solicitada, permite-lhe montar uma loja de livros usados em sociedade com Júlio. É o amigo que sugere o negócio e encontra o local para o estabelecimento, ao lado de uma casa de apostas e de uma loja de internet e jogos eletrônicos; também é Júlio quem monta o acervo da livraria, predominantemente composto de livros jurídicos. O sebo gera, para Pedro, “uma receita minguada” (Figueiredo, 2010, p. 52), mas razoável, dado que ele tem poucos gastos, pois continua morando no apartamento da mãe.

Na firma em que Júlio trabalha, Pedro conhece Rosane, copeira que fazia faxina e uma série de outras tarefas no escritório. Ela se interessa por Pedro e eles passam a namorar. Só mais tarde ele se dá conta de que Rosane “era a mulher mais pobre com quem havia saído” (Figueiredo, 2010, p. 47). Agora, há seis meses, regularmente vai à casa dela às sextas-feiras, no final da tarde, e ali fica com a namorada até o domingo. Rosane, por sua vez, “nunca havia transado com um homem que tivesse cursado uma faculdade”, que fosse amigo de um advogado de carreira promissora e que “morasse num bairro como aquele em que Pedro morava” (Figueiredo, 2010, p. 48).

A narrativa indica certa proximidade entre as posições sociais de Pedro e Rosane em contraste com a de Júlio, como se vê no caso das roupas: Júlio passa usar ternos diariamente para o trabalho, enquanto Pedro, assim como Rosane, só usam roupas compradas em feirinhas de rua e camelôs. No entanto, há uma clara distinção social que separa Pedro de Rosane e do modo de vida dos pobres na periferia. Tal separação será reiteradamente apresentada no romance, através das próprias personagens. Assim, por exemplo, a mãe de Pedro parece desprezar Rosane, achando que o filho mereceria

“companhia melhor” (Figueiredo, 2010, p. 99). O pai de Rosane, embora receptivo ao namorado da filha, observa-o com reserva e curiosidade, “como se Pedro fosse alguém que vinha de longe, de um outro país”, e o trata como quem diz “eu conheço gente feito você, sei muito bem como são as pessoas lá de onde você veio” (Figueiredo, 2010, p. 99–100). A atitude do pai de Rosane assinala algo como uma barreira intransponível, mesmo quando se estabelece certa simpatia ente eles.

Esse sentimento também atua sobre Pedro e é reforçado a todo momento em suas idas semanais ao Tirol. O deslocamento geográfico do centro da cidade ao bairro periférico não diminui a distância social; antes reforça, para a personagem, “uma linha divisória tão eficaz que, por mais que Pedro não quisesse acreditar naquilo, e por mais que de fato não acreditasse, acabava se vendo obrigado a integrar-se, a assimilar a separação que parecia vigorar em toda parte” (Figueiredo, 2010, p. 148).

Além de indicar a relação ambivalente da personagem com os moradores do Tirol, marcada por certa proximidade na comum falta de perspectivas e uma distância intransponível, a trajetória de Pedro também aponta a maneira como os eventos externos passam a direcionar sua vida, sugerindo que ele não só parece não ter controle sobre seu destino, como também não chega a tentar definir uma direção, limitando-se, antes, a adaptar-se às circunstâncias.

O percurso da vida desgovernada de Pedro indica que, mais que qualquer esforço, vontade, determinação ou mesmo vago desejo, os acontecimentos que direcionam sua existência parecem resultar do acaso. A concatenação dos eventos sugere uma forte sensação de casualidade, em que o protagonista é levado pelos acontecimentos e apenas se ajusta às situações.

Na trajetória de Pedro, o curso de Direito é um dos poucos momentos em que há algo semelhante a um projeto, mas o fato de não o ter concluído confirma a atitude predominante da personagem: “nunca fazia planos: olhava uma coisa, ouvia outra e de repente, quando via, o dia tinha terminado”. O mesmo se dá no percurso de sua vida: a faculdade interrompida, o acidente na ação policial, a indenização e a livraria: “Como planejar, como querer uma coisa dessas?” (Figueiredo, 2010, p. 182).

Mesmo a relação amorosa com Rosane implica uma passividade fundamental de Pedro: “Rosane, na noite anterior, mostrou-se na verdade tão contente com a ideia de Pedro dormir ali que ele, que não contava com isso, não teve outro jeito senão pensar que

devia fazer o mesmo no dia seguinte e também nos próximos finais de semana” (Figueiredo, 2010, p. 98).

Movido pela dinâmica mais ou menos fortuita dos acontecimentos, Pedro vai estreitando sua relação afetiva com Rosane e é por meio dela que passa a travar contato com os moradores do Tirol. Embora a distância social seja reconfirmada a cada passo, através da relação amorosa, Pedro vai se impregnando da história das pessoas, enquanto a narrativa recolhe os vários relatos de sobrevivência nas condições mais adversas.

### 3.

O romance apresenta uma série de indícios que, sem definir um quadro completo da situação social presente, e muito menos um registro puramente documental da vida na periferia urbana, sugere uma sociedade em convulsão, marcada por animosidades, ódios e protestos, todos um tanto difusos, não parecendo estar direcionados a alvos definidos<sup>3</sup>. O desvio no trajeto habitual do ônibus em que Pedro se encontra se deve a distúrbios cuja natureza permanece inexplicada; tudo o que se sabe é que a empresa de transporte temia “ter mais ônibus incendiados” (Figueiredo, 2010, p. 51). Supõe-se ainda que, quando chegassem ao destino, talvez não houvesse luz nas ruas do bairro: “transformadores podiam ter sido incendiados ou destruídos por tiros de fuzil. Isso acontecia, não chegava a ser raro, era mesmo o mais provável nas circunstâncias” (Figueiredo, 2010, p. 83). Decide-se que o ônibus não fará o percurso costumeiro e não entrará no Tirol, o que leva o motorista a combinar, com um colega de outra linha, uma baldeação informal, para que os passageiros pudessem chegar a um local mais próximo do destino original. Algumas pessoas se transferem para o outro ônibus, e Pedro compreende, pelas conversas ouvidas, que deve fazer o mesmo e saltar em certa praça da Bigorna.

Assim como Pedro ouve rumores incertos sobre os acontecimentos, a voz narrativa se deixa impregnar pelas suposições e dúvidas a respeito das forças recônditas que determinam as situações vividas. À opacidade das razões que provocaram o desvio da

---

<sup>3</sup> O romance não faz referência direta a eventos da realidade histórica, mas é inevitável lembrar que foi publicado quando as forças policiais executaram as políticas de segurança pública que, no Rio de Janeiro, culminaram na instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Em novembro de 2010, quando o romance foi lançado, as incursões militares nas favelas tiveram como resposta dos chefes do tráfico a queima de ônibus, automóveis e vans, bem como o ataque a estabelecimentos policiais (Brito, 2013).

linha se acresce, para Pedro, a intranquilidade ligada ao desconhecimento do novo destino e do caminho para chegar até a casa de Rosane.

A situação presente associa-se, em parte, a uma antiga animosidade entre os bairros vizinhos, a Várzea e o Tirol, relatada a ele por Rosane. A rivalidade envolve o ressentimento dos moradores da Várzea, que percebem o loteamento promovido pelo governo e os próprios serviços públicos como se fossem privilégios que beneficiam o Tirol em detrimento da Várzea. Rosane conta também que, tempos atrás, sua mãe havia se cadastrado para obter um lote e que a família se mudara para aquela casa quando Rosane tinha dois anos de idade.

Originalmente, o Tirol tinha sido construído para alojar militares. O exército controlava também uma área de brejo, atrás do Tirol, chamada Pantanal, que havia sido usada, no passado, para treinamentos de guerra. Dizia-se que, no mato rasteiro ou nos trechos alagados do Pantanal, ainda havia quantidades assombrosas de explosivos que não detonaram nos exercícios: “Dezenas de milhares de cápsulas, granadas, obuses, minas, segundo os cálculos do exército” (Figueiredo, 2010, p. 193–194). Sendo inviável a limpeza da área, os explosivos permaneciam espalhados e ocultos no terreno, tornando perigosa qualquer incursão pelo local, em que se ouviam, vez por outra, algumas explosões. A imagem desse espaço singular na paisagem dos bairros periféricos, com mata densa, terreno alagadiço e eivado de explosivos, significativamente retornará numa fantasia sombria de Pedro ao final do romance.

Na infância de Rosane, o Tirol havia sido um típico bairro proletário suburbano: “As pessoas saíam de casa de manhã para trabalhar em construções, em residências de bairros ricos, em condomínios, em lojas, em fábricas” (Figueiredo, 2010, p. 53). Sem saber precisar como se deu a transformação do bairro, “já consumada e sem volta”, a memória de Rosane registra os elementos mais visíveis das mudanças: o empobrecimento da população, a intensificação do tráfico de drogas e da violência entre grupos armados e a instalação, perto da fronteira entre os dois bairros, de um posto da polícia militar que lembra uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Ainda na percepção de Rosane, “cada vez menos gente saía de casa para trabalhar ou para ir à escola, cada vez mais gente ficava em casa ou na rua à toa” (Figueiredo, 2010, p. 54).

A transformação no bairro articula-se a um curso histórico que indica, inequivocamente, a diminuição de possibilidades de trabalho formal para a população



pobre e, em correspondência com isso, o encolhimento de perspectivas de melhoria de vida. Os indícios das mudanças no bairro fictício fazem pensar em processos econômicos reais que envolvem a derrocada da sociedade salarial (que no Brasil não chegou a se constituir), a desestruturação das relações de trabalho e as consequências que disso resultaram para a população pobre, agora definitivamente descartável e exterminável e, por isso mesmo, alvo de gestão governamental. Além disso, no romance, a violência social imposta pelos processos impessoais da acumulação contemporânea também parece produzir uma violência autodestrutiva na base, que se manifesta no recrudescimento dos conflitos entre grupos do Tirol e da Várzea, e passa a definir toda uma ambiência de hostilidade, tensão e medo que se espalha entre os moradores.

Entre todos os elementos que caracterizam os incidentes no bairro, chamam atenção as inúmeras menções a fogueiras (feitas com restos e lixo) e incêndios (em ônibus, antenas de celular, transformadores de luz), além de tiros avulsos (de pistolas, de fuzil), que poderiam indicar tanto o fortalecimento dos grupos armados quanto a ocorrência de protestos populares. Com efeito, no romance há duas alusões a barricadas, uma na entrada de um beco, “com pneus em chamas, latões de lixo e um carro virado” (Figueiredo, 2010, p. 49), preparada por “invasores” (o crime organizado? as milícias? os moradores do outro bairro?), e outra, dois anos antes, na praça da Bigorna, onde haviam feito uma “barricada de pneus, lixo e carro virado e tinham ateado fogo em tudo” (Figueiredo, 2010, p. 88), fato narrado com satisfação por um jovem passageiro, o que pode sugerir que se tratava de um protesto popular.

Associando o fogo a algum “culto noturno, ancestral”, deslocado do mundo urbano e que parecia “provir de um outro tempo, coisa antiga, alheia” (Figueiredo, 2010, p. 90–91), Pedro vê com estranhamento as fogueiras que encontra no bairro periférico: “via fogueiras em algumas esquinas — fogueiras feitas com pedaços de caixotes, retalhos de papelão, restos de estofamento de sofás ou poltronas, embalagens e trapos de todo tipo”. E especula sobre seu significado, sem chegar a uma conclusão: “Podiam ser uma brincadeira de meninos e meninas, podiam ser sinais entre os grupos que vendiam e compravam drogas ou proteção, podiam não ser nada” (Figueiredo, 2010, p. 89). A Pedro não ocorre que o fogo possa estar ligado à revolta popular, embora ele ouça, mais de uma vez, pessoas indignadas ameaçando “tacar fogo” nos ônibus. Na percepção geral dos

moradores, parece haver certa indistinção entre os distúrbios ligados ao controle do território pelos grupos armados e as manifestações de rancor social da população comum.

Na visão sociológica tradicional, tal tipo de revolta social (por definição desvinculado de movimentos sociais organizados) teria um caráter arcaico e pré-político, que se associaria a um déficit de cidadania, tendo sido considerado como algo que tenderia ao desaparecimento na sociedade moderna, com a ampliação democrática da cidadania (Peralva, 2006; Arantes, 2014, p. 214). As irrupções de destruição violenta no romance talvez façam sentido se se pensar nas circunstâncias sociais contemporâneas, especialmente nas chamadas “zonas sensíveis” das periferias urbanas, em que, além da inexistência secular de direitos, deixou de existir a própria plausibilidade da ideia de uma eventual extensão da cidadania para esses domínios; por isso, a eclosão de rebeliões desse tipo, “longe de ser uma reminiscência regressiva, exprime uma deriva ultramoderna, rigorosamente *pós-nacional*” (Arantes, 2014, p. 215).

#### 4.

As histórias dos moradores do Tirol quase sempre envolvem questões ligadas ao trabalho ou à sua falta, além das condições precárias de sobrevivência. Ao trabalho degradante e sub-remunerado (pouco importa se assalariado, informal ou ilegal) se associam o esgotamento físico, o adoecimento, a invalidez e a mutilação do corpo e do espírito<sup>4</sup>. Acompanhando a perspectiva de Pedro, a narrativa registra relatos diversos dos habitantes de bairros pobres, que, no conjunto, compõem uma galeria de estropiados.

São várias as personagens que sofrem injustiças no trabalho, adoecem ou se debilitam, ficam incapacitados ou perdem o emprego. Parte deles passa a sobreviver com auxílios dos programas sociais do governo ou recebe alguma espécie de aposentadoria ou indenização.

O pai de Rosane, que trabalhava em construções, foi tomado por uma alergia ao cimento que o impedia de exercer suas atividades. Buscou, então, obter um auxílio para fazer compras no supermercado através de um programa do governo e, por fim, passou a receber uma aposentadoria por invalidez permanente.

---

<sup>4</sup> Para uma referência no plano da realidade social, cf. Antunes e Praun, 2015.

A própria Rosane, quando empregada em uma fábrica de mate, passou a sentir dores no pulso e foi despedida após obter uma licença médica. Embora sentisse certo alívio com a demissão, pois “só ganhava o bastante para pegar o ônibus e comer” (Figueiredo, 2010, p. 158), as condições de trabalho não chegam a ser muito melhores no escritório de advocacia em que ela é copeira, fazendo os mais diversos serviços alheios à sua função, como lavar a cozinha e o banheiro, ir ao fórum ou à casa dos clientes levar e trazer papéis, copiar documentos no computador, atender clientes no telefone e na recepção; os patrões chegam a pedir que abrisse mão do horário de almoço para fazer alguma pesquisa urgente. Tudo isso para ganhar “um salário que era pouco mais que nada, quase que só suficiente para pagar a comida, o transporte e alguma roupa” (Figueiredo, 2010, p. 183).

Situação semelhante é a do pai de uma antiga colega de infância de Rosane, o qual trabalhava numa firma que lançava mão de expedientes ilícitos para “não ter de pagar direitos trabalhistas aos empregados e poder fugir de impostos” (Figueiredo, 2010, p. 57). Depois que a empresa fecha as portas, o homem fica com o braço imóvel, busca indenização e acaba desaparecendo; sua mulher, tuberculosa, passa a receber uma espécie de aposentadoria ínfima do Estado.

Aos que não conseguem obter aposentadoria, indenização ou auxílios do governo, pouco resta senão o desemprego ou subempregos temporários, como no caso das adolescentes que trabalham distribuindo folhetos em sinais de trânsito nos fins de semana e catam latinhas pelas ruas para revender. Alguns, como os antigos colegas do pai de Rosane, só encontram trabalhos clandestinos; outros realizam serviços informais ou ilegais, como o mototaxista que abre uma oficina e passa a desmontar motos roubadas para revender as peças. Incidentalmente, são mencionados também matadores de aluguel. Há ainda os que se encontram na penúria completa, como a mulher que, à noite, perambula pelas calçadas vazias, falando sozinha, em busca de moedas perdidas na poeira.

Um relato curioso é o do amigo do pai de Rosane, que havia trabalhado como guarda-vidas na praia. Ele conta que, tendo sido soldado da aeronáutica na época da ditadura militar, havia observado o furor destrutivo dos militares de maior patente: eles espancavam e humilhavam os soldados e, no ambiente em que “alguns oficiais já tinham ficado meio enlouquecidos”, um tenente, frustrado por não conseguir bater o suficiente nos outros, pegava a pistola para dar um tiro no próprio pé: “Já tinha estourado a bala três

dedos de um pé e dois do outro” (Figueiredo, 2010, p. 186). Junto com as ordens de incursões arbitrárias em reuniões, comícios e passeatas em busca de “comunistas” ou para resolver desavenças pessoais, o relato sobre a época de soldado sugere uma espécie de insanidade que se espalha no quartel, tanto que seus antigos colegas lhe davam a impressão de que “todos tinham ficado meio doidos. Nenhum deles parecia ter uma vida normal, com família, trabalho” (Figueiredo, 2010, p. 191).

Além da baixa remuneração e dos danos físicos e mentais associados ao trabalho, a narrativa registra como, junto à degradação das condições de sobrevivência, se dá um rebaixamento dos próprios sonhos de melhoria de vida. Em contraste com a imagem do bairro no passado, povoado de trabalhadores que se deslocavam para o serviço nas fábricas ou nos bairros abastados, a percepção que Rosane tem do presente, observando o destino de antigos colegas de infância, é desoladora: afora os que haviam deixado o bairro, alguns estavam na prisão ou tinham morrido, e outros que continuavam a morar no Tirol viviam de um modo que os afastava de Rosane: não saíam do bairro, mal sabiam ler. O caso significativo é o da amiga de infância que Rosane havia indicado para trabalhar no escritório de advocacia e é despedida no primeiro dia de serviço em razão do comportamento inadequado e vexaminoso: “Uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa — com vergonha, com susto de estar dizendo aquilo: um bicho” (Figueiredo, 2010, p. 62).

Com o bloqueamento histórico das perspectivas de integração pelo trabalho, a vida nos bairros pobres oscila entre o subemprego, a viração e os auxílios e programas do governo, que definem a realidade contemporânea do trabalho e da gestão dos inempregáveis. Como consequência adicional do sofrimento e da humilhação associados à desqualificação social generalizada, as personagens parecem sofrer de um desarranjo na própria capacidade de sonhar ou fantasiar perspectivas de uma vida melhor (Arantes, 2014, p. 216, 218; Dejours, 2006).

À terra devastada do trabalho corresponde o desolamento do ambiente físico e social que surge no romance. Junto ao isolamento geográfico do bairro periférico, os traços da paisagem urbana mencionados ao longo da narrativa delineiam um cenário marcado pelo que a cidade considera imprestável e procura expelir para fora de seus limites. Além do terreno pantanoso, antes usado para treinamentos de guerra e agora esquecido, mencionam-se áreas remotas com fábricas desativadas, já tomadas pelo capim

alto, próximas de um imenso depósito de lixo (Figueiredo, 2010, p. 65). Acrescente-se a isso o extenso muro de uma prisão temporária, “onde a pessoa aguardava a sentença [...] antes de ir para o presídio propriamente dito” (Figueiredo, 2010, p. 175). Tal cenário, que seria distópico se não fosse terrivelmente familiar, acentua a segregação do bairro periférico, que se revela como depósito do refugio humano rejeitado pelo capitalismo contemporâneo.

## 5.

No outro extremo social, além dos empregadores e patrões mencionados nas histórias dos trabalhadores, estão algumas personagens que frequentam o sebo de Pedro. As caracterizações do ex-juiz, da juíza jovem e outros advogados, embora um pouco caricaturais, não deixam de ser representativas: o ex-juiz havia se casado com uma aluna e, querendo tê-la sempre à disposição dentro de casa, arranhou-lhe emprego num tribunal, possibilitando-lhe receber o salário sem nunca comparecer ao trabalho. A juíza aparece num carro com motorista e segurança pessoal, tem uma coleção de relógios de pulso e “era neta de um senador de um estado distante, dono de usinas de álcool e de uma estação de tevê regional” (Figueiredo, 2010, p. 125). O advogado usa “gravatas francesas, ternos ingleses, e o preço de seu relógio daria, no mínimo, para comprar a parte de Pedro na sociedade daquela loja de livros de segunda mão” (Figueiredo, 2010, p. 171–172); ele havia feito cirurgias plásticas nas orelhas e na papada, defende uma empresa que havia vendido próteses defeituosas para hospitais públicos, é proprietário de uma lancha de trinta pés e, ao mesmo tempo, atua numa organização beneficente e orienta estagiários de um escritório de advocacia que presta serviços gratuitos.

A representação dos juízes e do advogado não deixa dúvidas quanto à extensão de sua riqueza e seus privilégios. A descrição dessas personagens inscreve, no romance, a efetiva distância que separa setores da sociedade que pouco se comunicam diretamente, ainda que o acúmulo de riqueza numa ponta e o da nova pobreza na outra estejam vinculados por elos invisíveis. Diante desses representantes das classes abastadas, que

parecem viver em um mundo à parte, Pedro se encontra muito mais próximo dos moradores de bairros periféricos<sup>5</sup>.

Ao mesmo tempo, no círculo de relações do juiz aposentado, a narrativa não acentua tanto o bem-estar, mas o esvaziamento da vida: “os amigos do juiz tinham morrido nos melhores hospitais, outros estavam de cama, inválidos, outros não queriam saber de mais nada a não ser prostitutas, filmes pornográficos e doses cada vez maiores de remédios estimulantes” (Figueiredo, 2010, p. 130). À sua maneira, o mundo do conforto material é tomado por traços de aviltamento e degeneração, marcando vidas cheias de satisfações compensatórias e vazias de sentido.

Além disso, é significativo que o ex-juiz descreva uma fantasia em que a população pobre se revoltaria contra os privilegiados, desenhando o que, para ele, seria a imagem do fim temido e talvez desejado.

Mais dia, menos dia, eles vão dar cabo de todos nós [...]. Vão nos perseguir dentro de casa, na rua, com pistolas e pedaços de pau. Não vamos ter onde nos esconder, nenhum lugar para fugir. Nem na cidade, nem no campo, nem mesmo debaixo da terra. Ninguém vai vir em nossa defesa. Nessa altura, os aeroportos estarão fechados para nós, nenhum outro país vai admitir nos receber. Seremos uns dois ou três milhões de pessoas. O resto, a escória, uma onda migratória mais do que indesejável, os portadores da catástrofe (Figueiredo, 2010, p. 126).

A fantasia, além de sugerir indícios da psicologia da personagem (que mistura temor e culpa), é claramente moldada pelo sentimento de insegurança fundado na cisão social (ele insiste em dizer à juíza que apenas um segurança é pouco). Essas personagens, além de consumidores de serviços de segurança, são também operadores da gestão securitária da sociedade atual (Rancière, 2003, p. 3; Arantes, 2014, p. 207–213). Em conformidade com essa situação está a fala cínica da juíza, para quem os condenados seriam “entusiastas da justiça”, pois, quando submetidos à força da lei, “sentem-se cidadãos plenos, [...] uma sensação que o dia a dia nunca oferece” (Figueiredo, 2010, p. 125). De fato, para a vasta população descartável, a cidadania efetiva é uma quimera, e o Estado só se faz presente em sua dimensão repressiva e exterminista. O que resta é apenas a cidadania mercantilizada da gestão da nova pobreza (Abílio, 2011).

Por fim, é ainda a juíza que, no sebo de Pedro, se interessa por um livro de arte, “um livro de mesa, patrocinado por um banco, sobre um artista europeu que fazia grandes

---

<sup>5</sup> Também no plano da realidade histórica, constata-se a aproximação de parte da classe média empobrecida às condições da periferia como efeito da precarização social e do desemprego (Botelho, 2013).

instalações com automóveis batidos ou meio incendiados, tudo criteriosamente disposto sobre um piso limpíssimo e lustroso”. De sua parte, tendo visto as imagens dos carros destruídos, Pedro havia se lembrado dos “restos de acidentes que tantas vezes encontrava no seu caminho para a casa de Rosane” e que explicavam os engarrafamentos ou o escoar lento do trânsito. No ônibus, quando passam por um veículo acidentado, os passageiros são tomados pela sensação de terem escapado desta vez e pelo alívio de saber que “aquele não era o seu ônibus” (Figueiredo, 2010, p. 144–145). Também aqui, entre o acidente automobilístico convertido em arte e a proximidade do desastre, assinala-se a cisão que separa os polos sociais.

## 6.

O livro sobre Darwin que Pedro lê durante o trajeto narra a passagem do cientista pelo Brasil em 1832, como parte das viagens que realizou a bordo do HMS Beagle. Menos do que uma exposição da teoria da evolução darwiniana, o que Pedro lê são observações e anedotas que o naturalista havia registrado em seu diário durante a estada no Rio de Janeiro. Além da condescendência do cientista inglês com a vida patriarcal local e de sua visão adocicada da escravidão, o que chama atenção é o episódio envolvendo o mal-entendido com o escravo que conduzia a balsa que levava Darwin. Tentando comunicar-se com o escravo sem sucesso, o cientista estrangeiro fala alto e gesticula com exagero: “O homem achou que Darwin estava furioso e queria lhe dar um murro. Encolheu-se, levantou um pouco os braços quase na altura do rosto e olhou-o de lado, tolhido pelo medo.” Darwin registra os “sentimentos de surpresa, desgosto e vergonha que o assaltaram, quando viu na sua frente o homem apavorado”; em seguida, observa que “havia conduzido o escravo a uma degradação maior do que a do mais insignificante dos animais domésticos” (Figueiredo, 2010, p. 66).

O decisivo no episódio talvez não seja tanto a possibilidade, aventada por Pedro, de Darwin ter falseado o registro do acontecimento, amenizando seu impulso agressivo. A questão decisiva do episódio pode estar antes no fato de, consciente ou inconscientemente, o gesto de Darwin acabar por reproduzir as relações de opressão que pesam sobre o homem escravizado e degradado. A questão não é tanto a motivação “real” do cientista inglês, mas a circunstância de, estando ele posicionado no interior do sistema

estabelecido das relações de poder, a reafirmação dos mecanismos de sujeição do outro ocorrer mesmo quando não há intenção consciente de fazê-lo: “A mão do sábio, no ar, no alto, ameaçou o escravo — ou o homem entendeu assim. E o que mais havia de pensar? [...] E ele, o escravo, reagiu — como pôde, como sabia” (Figueiredo, 2010, p. 163).

Desse modo, a história de Darwin fixa a imagem do estrangeiro civilizado que procura observar uma sociedade diversa, mantendo uma atitude compreensiva, mas que acaba reafirmando sua posição de superioridade e distinção social. Essa imagem funciona, no romance, como uma espécie de espelhamento das relações que as personagens de classe média estabelecem com os pobres.

Júlio, o amigo advogado, mantém relações afáveis com os trabalhadores da região em que o acidente com Pedro aconteceu: “Júlio sempre dava bom dia a todos — nas lanchonetes, na lojinha lotérica, na banca de revistas, na drogaria — para os porteiros, os vigias, os guardadores de carros” (Figueiredo, 2010, p. 74). Ele conhecia a história de várias pessoas e observava com curiosidade seus modos de vida: “sentia-se em certos momentos o observador de uma civilização alheia, um antropólogo amador que trabalhava a distância, mas ao mesmo tempo misturado com eles, e que pesquisava por meio de entrevistas informais” (Figueiredo, 2010, p. 75–76).

Algo dessa atitude de observador que vem de fora também se encontra em Pedro, que sabe não pertencer ao grupo e parece sentir, por vezes, a impossibilidade de irmanar-se com aqueles que observa. A vontade de alheamento indicada na abertura do romance talvez seja menos um desejo de evitar o contato com os mais pobres do que o intuito de não reproduzir, nesse contato, a opressão da diferença social, mesmo que Pedro não esteja numa posição muito mais elevada. Na relação com Rosane, o fato de Pedro dispor de algum dinheiro (para as compras no supermercado, para um sofá ou um colchão) tem um estatuto ambíguo, pois pode indicar uma generosidade desinteressada, ao mesmo tempo em que pode marcar uma superioridade que repõe a subalternização paternalista do outro: “Pedro sentia como era fácil parecer protetor, e até ser de fato protetor, tamanha a fragilidade aparente em torno de Rosane, tamanha a estreiteza das coisas em que ela podia se apoiar” (Figueiredo, 2010, p. 64).

Ao final do romance, Pedro observa os outros passageiros e sente “que não era um deles”; o sentimento é acompanhado de “uma sensação de alívio, mas também de



remorso”. A sensação é descrita como “maldade velha, repetida, que nem era dele, pessoal” (Figueiredo, 2010, p. 195–196), sugerindo os efeitos seculares da segregação.

Então, sem mais nem menos, surge na mente de Pedro uma fantasia, impregnada de vestígios das histórias ouvidas sobre o terreno alagadiço usado na época da ditadura para treinamentos militares de guerra. Aparece-lhe a imagem de si mesmo na mata do Pantanal: Pedro se vê num cenário sombrio, de terra devastada, com as pernas imersas até a coxa na água gelada, no escuro da noite, buscando orientar-se. Ele se move com esforço e cautela para evitar as bombas espalhadas na região, enquanto pensa que precisava chegar ao Tirol, à casa de Rosane.

A narrativa não fornece chave de decifração unívoca para a imagem, que é menos um devaneio que um fantasma; no entanto, no meio do percurso no terreno pantanoso, surge na mente de Pedro o episódio de Darwin atravessando o rio na balsa conduzida pelo escravo. O paralelo sugere que, assim como o cientista inglês reproduzia as relações autoritárias por meio do gesto involuntariamente agressivo, o contato de Pedro com os moradores do bairro periférico poderia implicar a reiteração da opressão social. Daí, talvez, o sentido da fantasmagoria, em que a aproximação ao Tirol é figurada como a passagem por um terreno minado e penoso.

## 7.

Transformados em população permanentemente supérflua pela dinâmica contemporânea do capitalismo, os moradores dos bairros periféricos parecem relegados a uma espécie de degredo nas áreas marcadas pela privação econômica e pela estigmatização social. Para as pessoas conhecidas de Rosane, a impossibilidade da inserção profissional parece um fato consumado, a ponto de a própria instrução mais elementar ser vista como um esforço inútil: “o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade [...], tudo pertencia ao mundo que as deixava para trás, que as empurrava para o fundo: era o mundo de seus inimigos” (Figueiredo, 2010, p. 56). As atividades e habilidades outrora consideradas fundamentais para a busca de ascensão pelo trabalho são percebidas como supérfluas ou mesmo coercitivas. O centro da cidade, onde tais habilidades têm serventia, é concebido como um mundo à parte, que proscree os periféricos, fazendo-os afundarem na miséria. Tal é a situação dos novos condenados da

terra, a humanidade excedente confinada às margens de um território cindido que definitivamente deixou de ser imaginado como comunidade nacional.

Entretanto, ao contrário da maioria de seus conhecidos, Rosane sonha com possibilidades de melhoria das condições de vida, apoiada em noções convencionais a respeito da instrução e da formação profissional.

Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, poder comprar mais coisas, queria ser respeitada por eles, os outros, aquela gente toda — queria poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém (Figueiredo, 2010, p. 63).

É certo que a crença da personagem na possibilidade de integração é contrabalançada por sua desconfiança acerca dos mecanismos de poder e pela intuição de que a via ascendente não está aberta a todos — “Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela?” (Figueiredo, 2010, p. 64) —, mas, ainda assim, a atitude predominante de Rosane é a de fazer planos incessantes para a própria vida. Ela imagina cursos que faria após concluir o ensino médio, calculando gastos e possibilidades de conciliar horários com o trabalho. Os projetos não têm direção definida (curso de enfermagem, hotelaria, nutrição) nem revelam uma aptidão pessoal particular. Na compreensão de Pedro, a busca inquieta de sua namorada por algo que propiciasse melhoria de vida teria certa relação com o interesse de Rosane pelas vivências de outras pessoas. De algum modo, a atitude dela teria “alguma coisa a ver com a diversidade de histórias que Rosane ouvia de seus vizinhos”; isto é, seu pendor para tecer planos seria um modo de responder às ameaças que se colocavam na vida da população do bairro pobre e de poucas perspectivas: “Havia um nexo, era o que Pedro achava: cada história, cada pedaço de experiência que os vizinhos contavam era um perigo muito presente, familiar até demais, que tomava formas novas a cada relato. Um perigo a que — Rosane sentia — era preciso dar uma resposta” (Figueiredo, 2010, p. 182).

De fato, o interesse genuíno de Rosane pelas pessoas é algo que impressiona Pedro: “Rosane não conseguia ficar indiferente a quase ninguém no Tirol. Ela perguntava, conversava, queria saber a respeito das pessoas”. Ou melhor, o que impressiona Pedro talvez seja a facilidade com que Rosane estabelece conexões com os outros, de tal modo que eles “contavam suas lembranças, expunham de repente seus pensamentos mais pessoais” (Figueiredo, 2010, p. 180). Para que essa confiança se firmasse, Rosane apenas sinalizava sua receptividade, sem precisar nem sequer perguntar-lhes qualquer coisa:

“Bastava ela repetir meia palavra que o outro tinha dito, bastava respirar no mesmo compasso, bastava olhar em silêncio na mesma direção que o outro, deixar que o olhar se demorasse naquele ponto por mais tempo que o necessário para enxergar o que estivesse lá” (Figueiredo, 2010, p. 180). Essa capacidade de estabelecer vínculos aparece como traço específico de Rosane, mas a abertura para os outros não deixa de reverberar no romance como indício de outra sociabilidade possível, para além do esgarçamento dos laços.

Ao lado dos vários relatos de infortúnios, penúrias e padecimentos, surgem algumas histórias que indicam a permanência de certa sociabilidade fundada na ajuda mútua. É o caso da amiga de Rosane que, aos dezessete anos, havia sido atingida pelo disparo involuntário de uma arma: um rapaz havia assaltado um ônibus e foi surpreendido pela polícia; na fuga, caiu no chão, e a pistola que levava na mão disparou. A mulher conta que, depois disso, tendo ela sobrevivido a todas as complicações do acidente, pessoas da vizinhança, apenas conhecidas, apareciam em sua casa para ajudar “com os curativos, os banhos, a higiene, os remédios, a conversa, a comida” (Figueiredo, 2010, p. 170).

Na companhia dessa amiga, Rosane e Pedro parecem sentir plenamente a satisfação da vida em comum: “Pedro e Rosane achavam muito bom ouvir a moça falar. Sobre qualquer assunto. Parecia enxergar mais longe, tudo ficava mais largo: enquanto falava, sempre num tom ligeiramente grave, o espaço crescia à sua volta, o mundo se desdobrava em vários planos” (Figueiredo, 2010, p. 166). Nesse trecho, destaca-se não apenas a simpatia que une as personagens, mas sobretudo a sensação de alargamento do mundo, na conexão com a vida coletiva e comum. Essa sensação, súbita, não é de todo compreendida pelo protagonista, mas se impõe de maneira irresistível.

Ainda que a todo momento a narrativa reafirme o sentimento de não pertencimento que acompanha Pedro quando ele observa os moradores dos bairros periféricos, também se assinala que o Tirol exerce sobre ele “uma espécie de atração, às vezes violenta, que Pedro queria rechaçar” (Figueiredo, 2010, p. 149). A natureza exata dessa atração não é explicada, mas fica sugerido que o sentimento que assalta o protagonista seria a disposição para fundir-se com o grupo: “sem ele entender, surgia em Pedro um impulso de se agregar, de desaparecer ali” (Figueiredo, 2010, p. 149). Isso parece se dar porque, a despeito da diferença de classe que os separa, há entre eles caminhos assemelhados de sofrimento social e busca de meios de sobrevivência. Com efeito, à medida que passa a

frequentar o bairro, Pedro começa a perceber o sentido comum que une as histórias dos moradores, as quais confirmam incessantemente o caráter opressivo das condições a que estão subordinados.

A atração que o bairro periférico exerce sobre Pedro encontra, no plano da elaboração formal, um correlativo no entrelaçamento das histórias diversas dos moradores, que, se não chegam a se organizar (na mente de Pedro ou na voz do narrador) como relato unificado de um processo inteligível, sugerem algo como uma ampliação da consciência de Pedro<sup>6</sup>. Pois é a partir dos movimentos internos do protagonista que a narrativa se constitui, ancorando-se em suas percepções, associações e lembranças, as quais imprimem a dinâmica própria da narração e, através do *alargamento da visão* centrada em Pedro, fazem emergir as vivências particulares dos moradores do Tirol. Nessa compreensão ampliada do mundo, entrecruzam-se os fios fragmentários de uma história coletiva, sobre o fundo de uma experiência histórica ampla, marcada pela violência social a que todos estão submetidos.

Não deixa de ter valor simbólico a cena final do romance: quando a noite se aproxima e escurece do lado de fora, Pedro começa a ver seu próprio reflexo no vidro do ônibus, junto às imagens dos outros, e procura os olhos deles no reflexo das janelas. Na imagem refletida, Pedro pode se ver enfim como parte do conjunto dos passageiros, e seu olhar não busca apenas a observação distanciada, mas indicia também a procura do contato.

Embora a matéria social do romance, focalizando a cidade cindida, seja marcada pela desolação de um mundo conflagrado e paralisante, sua elaboração formal parece apontar para a possibilidade de vínculos que ultrapassam o alheamento inicial do protagonista. Na consciência de Pedro, vão se sucedendo histórias particulares que compõem o painel da vida de uma coletividade, atravessada por um senso de realidade compartilhada. Para a personagem, o resultado é o alargamento de sua percepção do mundo — que, no final, inclui os outros e a si mesmo no quadro de uma experiência comum.

---

<sup>6</sup> Para uma discussão da consciência ampliada como fundamento do pensamento político, cf. Arantes, 2004.

## Referências bibliográficas

ABÍLIO, Ludmila Costhek. A gestão do social e o mercado da cidadania. *In*: CABENES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele S.; TELLES, Vera da Silva (org.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 297–316.

ANDRADE, Thayllany Ferreira; ARNT, Gustavo Abílio Galeno. Narrativa e trabalho em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. *Jangada: crítica, literatura e artes*, n. 8, Viçosa, MG, p. 112–137, jul.–dez. 2016.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, n. 123, São Paulo, p. 407–427, jul.–set. 2015.

ARANTES, Paulo. Alarme de incêndio no gueto francês. *In*: *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 199–278.

ARANTES, Paulo. Nação e reflexão. *In*: *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 78–111.

BALBI, Danieli Christovão. A violência insuspeita da sociedade de classes no trâmite da enunciação em *Passageiro do fim do dia*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 55, Brasília, p. 177–202, set.–dez. 2018.

BOTELHO, Maurílio Lima. Crise urbana no Rio de Janeiro: favelização e empreendedorismo dos pobres. *In*: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (org.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 169–213.

BRITO, Felipe. Considerações sobre a regulação armada de territórios cariocas. *In*: BRITO, F.; OLIVEIRA, P. R. de (org.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 79–114.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PERALVA, Angelina. Levantes urbanos na França. *Tempo Social*, v. 18, n. 1, São Paulo, p. 81–104, jun. 2006.

RANCIÈRE, Jacques. O princípio de insegurança. *Folha de S. Paulo*, Mais!, 21 de setembro de 2003, p. 3.

*Recebido em: 17/03/2024*

*Aceito em: 07/07/2024*

---

<sup>i</sup> **Edu Teruki Otsuka** Professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. É autor de *Marcas da catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque* (Nankin, 2001) e *Era no tempo do rei: atualidade das Memórias de um sargento de milícias* (Ateliê, 2016). **E-mail:** eduotsuka@usp.br